

VISTA MERIDIONAL DA VILLA E CASTELLO DE MORELLA.

O REINO de Valencia, chamado o paraíso da Hespanha, e que na parte visinha do mar é sem contradicção um dos territorios mais excellentes da Europa, fértil e aprazível, e regado pelo Guadalaviar, está repartido, segundo a moderna divisão da monarchia hespanhola, em tres provincias denominadas, de Valencia, de Alicante, e de Castellon-la-Plana. Nesta ultima, perto de Aragão, está a praça de Morella, celebre actualmente pela guerra civil que devasta aquelles paizes. Como tem sido tão nomeada pelas gazetas nos resolvemos a dar a gravura que precede este art.º, copiada da historia de Valencia de Cavanilles, e que representa a povoação e o castello.

A posição de Morella é, por natureza e arte, bastante defensavel. Entre muitos montes levanta-se um, desacompanhado por todos os lados: proximo á assomada está assentada a villa em fórma de amphitheatro, cercada de torres e muralhas, sobresahindo entre a casaria o pincaro escarpado e calvo onde é o castello. Quem se avisinhar ao povo, tendo atravessado o arroio, vê logo as ladeiras, caminho da praça: a principal é hoje facil de subir, o que se alcançou á custa de muito trabalho e despeza. Os edificios occupam a parte meridional do monte, e dilatam-se de leste a oeste formando ruas em arcos e semi-circulos, de sorte que ficam quasi horizontalmente as ruas circulares, e com muito declive as que cruzam estas d'alto a baixo.

Morella antes da guerra era uma das povoações mais consideraveis daquelle reino; muito sadia, e bem abastecida, porem extremamente fria. A sua industria principal consistia na fiacção de laãs, e fabrico de mantas, cobertores, e estamenhas. Toda a população *intra muros* com a dos arrabaldes calculava-se em seis mil almas.

TOM. IV. FEVEREIRO 1. — 1840.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

IV (*).

OS DOIS INDIGENAS.

O PILOTO Affonso Lopes, a quem Pedr'Alvares incumbira, como dissemos, de buscar e examinar algum porto seguro, logo que naquelle entrou com os navios e caravellas se metteu no esquife, e com o prumo na mão mandava remar pela bahia. E tanto se foi chegando para o logar da terra onde via gente, que conseguiu apanhar dois mancebos indigenas que ahí andavam em uma jangada ou almadia, formada a seu modo, de tres traves unidas. Um delles tinha um arco e varias setas, mas não se serviu dellas para resistir; pela terra andavam outros seus companheiros armados, que tampouco os pertenderam defender. Estes indigenas pertenciam á nação Tupiniquim, que então senhoreava este litoral desde o Rio-doce até o Canamú.

Morrêra a tarde com o trasmontar do sol: — era noite. Á capitana chega Affonso Lopes no esquife, e atraca. Vem appresentar ao seu chefe os dois prisioneiros, que deviam ser hospedados a bordo aquella noite, para ver se delles se obtinha alguma informação. O cabello corredo, as feições regulares do rosto, a figura elegante do corpo, a fórma afilada do nariz, e os seus extravagantes usos desenganaram logo a todos que aquella gente era, bem como a terra, totalmente desconhecida.

Deixando para os mais curiosos as bellas e ingenuas descripções da simplicidade desta gente, feitas por Pero Vaz de Caminha ao seu rei, as quaes todas

(*). Continuado da pag. 21, aonde na lin. 42 se deve ler D. João 1.º e não 2.º

revelam na fôrma e no estilo a religião e os costumes innocentes de nossos maiores, estimâmos não poder resistir ao desejo de transcrever a sua seguinte narração de uma scena por elle presenciada. Prepare-se pois o leitor que vai ler um periodo escripto ha muito mais de tres seculos. —

« O capitão quando elles vieram estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro uui grande ao pescoço; e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Ayres Correa, e nós outros, que aqui na náu com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa. Accenderam tochas; e entraram e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de fallar ao capitão nem a ninguem. Però um delles poz olho no colar do capitão, e começou d'acenar com a mão para a terra e depois para o colar — como que nos dizia que havia em terra ouro. E tambem viu um castiçal de prata, e assi mesmo acenava para a terra e então para o castiçal — como que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-no logo na mão, e acenaram para terra — como que os havia abi. Mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo della e não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes alli de comer pão e pescado cozido, confeitos, farteis, mel e figos passados; não queriam comer daquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouveram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assi á boca tam-a-lavez, — e não gostaram delle nada nem o quizeram mais. Trouveram-lhes agua por uma albarrada; tomaram della senhos bocados e não beberam — somente lavaram as bocas e lançaram fóra. Viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou que lhas dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescoço. E depois tirou-as e embrulhou-as no braço: e acenava para terra e então para as contas e para o colar do capitão — como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assi pelo desejarmos; mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o colar — isso não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar. E depois tornou as contas a quem lh'as deu. E então estiraram-se assi de costas na alcatifa a dormir... O capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins, ... e lançaram-lhe um manto em cima. E elles consentiram e jouveram e dormiram. » —

E dormindo ficaram, de resupino, sobre a alcatifa e com o cubertor até o outro dia de madrugada.

Causa realmente admiração a tranquillidade d'espirito que mostraram estes dois prisioneiros. Não se assustam — nada temem; antes pelo contrario mui senhores de si sustentam a prática mimica que tão chãmente descreve o bom Pero Vaz; e depois dormem a somno solto tão descansados entre aquella gente muitissimo mais adiantada em industria, e que viam pela primeira vez, como se foram entre os seus: — dava-lhes só algum tanto que fazer — coitados! — o não amarrotarem os seus ornamentos! Quão diferente scena se nos affigura esta da presenciada em quasi todas as outras terras descubertas pelos europeus, nas quaes, como bem adverte um conhecido escriptor, os descobridores, se não metteram medo, foram tidos por deuses!

Como tihamos dito, os indigenas ficaram dormindo. Sancho de Toar, e Nicolau Coelho despediram-se do capitão-mór para se recolherem ás suas naus. Simão de Miranda, Ayres Correa, Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, e o João de Sá, que acompanhára Vasco da Gama, pouco e pouco se

foram despedindo, que eram cansados da viagem; e Pero Vaz retirou-se ao seu camarim aonde tinha que fazer. Era alta noite, e ao resoar da agua vassante, cortada na proa da náu, estava elle em pelote e embuçado no ferragoulo escrevendo o periodo que acima deixamos transcripto, e mais algumas particularidades não menos elegantes e curiosas. — Depois recostou-se, e dormiu. —

V.

AS INQUIRIÇÕES.

Decorrêra veloz a noite. E no sabbado de manhã começou a manobra tão cedo que nem houve muito vagar de disfructar os dois hospedes. Apenas sol nado, como soprava do mar uma aragem, as naus desferiram vellas e começaram a navegar, com destino de se irem reunir aos navios menores surtos na enseada. Affonso Lopes com a sonda ia de vigia no gurupez da capitana, e dalli dava instrucções ao marinheiro do leme para conduzir a nau por meia bóroa até entrar na abra, afim de a resguardar bem, [ainda que a entrada era larga] de tocar os baixios. Estavam ja proximos aos navios fundeados, quando o vento escaceou e cedeu o logar a uma viração galerna e suave, que se seguiu, offerecendo um magestoso espectáculo. As naus que iam com as vellas desfraldadas as colheram repentinamente, e todas lançaram anchoras nessa famosa enseada, que com tanta justiça houve lembrança de ser denominada *Cabrália*.

O mar era mui chão; e o seu bello aspeito condizia bem com o pallido azul do sereno firmamento limpo de nuvens, que permittia ao sol resplandecente dardejear livre seus raios puros e mornos de outomno — fazendo contraste aos ardentes calores do verão. A imaginação mais fertil e viva, a poetica inspiração mais feliz, o pintor mais habil e delicado, prestando-se todos auxilios mutuos, difficilmente poderão reproduzir o panorama sublime que neste momento se desenvolveu aos olhos destes descobridores. E a verdura da terra já de si matizada, com o mesmo verdor em infinitas gradações, era realçada pela immensa variedade de flores de todas as cores e qualidades, que tanto distinguem a espontanea e viçosa vegetação da America meridional, cuja só vista seria capaz de habilitar pintores, inspirar poesia e avivar imagens ao que estivesse possuido dos sentimentos generosos de que os nautas iam animados. Fundearam. E, como era bem de ver, vieram todos os capitães cumprimentar a Pedr'Alvares, que lhes appresentou logo os dois figurões que tinha a bordo. Estiveram praticando ácerca destes, e concordaram na congruencia e prudente politica de os pôr logo em terra para que os seus se não persuadissem que eram mortos ou retidos presos; e igualmente combinaram que seria de conveniencia, para não amedrentar aquella rude gente, que se não disparassem bombardas, arcabuzes, espingardas, nem outros tiros de fogo.

Pedr'Alvares depois de fazer aos dois hospedes toda a casta de favores, chegando a vesti-los de camisas novas e carapuças vermelhas, e a dar-lhes campainhas, cascaveis, e até rosarios de contas brancas d'osso, que elles logo puzeram nos braços, ordenou aos dois capitães mais experimentados, de quem ao diante diremos, que os acompanhassem a terra e ahi os deixassem com todos estes mimos, alem do que tinham trazido. Assim os queria ir captivando pelo interesse, porque se persuadia ser esta principal alavanca, que move os povos, tanto mais ma-

terial quanto mais materiaes são os homens. Determinou da mesma sorte que n'um dos bateis fosse também o nosso Pero Vaz de Caminha, — provavelmente porque, penetrando-lhe a muita agudeza, cortezia, e tal espirito observador, que nascido neste seculo faria grandes serviços na carreira diplomatica, quiz não só auxiliar com alguma feliz lembrança sua os dois capitães, como — e o que é mais natural — offerecer-lhe occasião de obter algumas inquirições da terra e dos habitantes — pois, segundo bem se persuadia, Pero Vaz não deixava de observar attentamente, com o intuito de fazer mais minuciosa narração na carta que escrevia a elrei. Juntamente mandou que fosse um certo mancebo, que ia degradado, chamado Affonso Ribeiro, com instrucções de acompanhar pela terra dentro os dois indigenas, levando uma bacia pequena com duas ou tres carapuças vermelhas para presentear o superior ou chefe se alli o houvesse, e com insinuações de examinar o seu viver e maneira.

Logo que os bateis se aproximaram a terra acudiram alli obra de duzentos homens, á feição dos botocudos (*) e extravagantemente pintados — ao modo das outras nações daquelle continente, com o incarnado do urucú e o preto do genipapo; e todos armados de grandes arcos e setas. Os dois que iam nos bateis acenaram-lhes que se afastassem e que depuzessem os arcos; porem só obedeceram a esta ultima recommendação. Logo que os bateis vararam, os dois pulando para terra se pizeram immediatamente a correr qual delles mais e sem esperarem um pelo outro; passaram um rio, e com alguns dos seus se foram ajuntar a outros que estavam entre uns coqueiros, e abi pararam.

O pobre Affonso Ribeiro, que sahira com os dois, dirigiu-se sosinho a um homem que logo o agasalhou, o qual «era já de dias, e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia assetado como S. Sebastião.» — Este velho o conduziu aos seus, que o não quizeram consentir lá, e por isso teve de voltar immediatamente em companhia dos dois que tinham ido, já nus e sem carapuças; porem estes tornaram outra vez a desaparecer. Dahi a pouco entraram a vir e a aproximar-se muitos, mettendo-se pela beira do mar até que mais não podiam, trazendo cabaças d'agua, e indo mesmo encher os barris que dos bateis lhes davam: — só tinham seu receio de se achegar demasiado a estes, e por isso não as entregavam bem mão a mão.

Como pedinchavam a todo o instante alguma cousa, recebiam com grande satisfação cascaveis, manilhas, e mais dizes, que sempre, para os pretos, traziam de veniaga os exploradores portuguezes nas costas d'Africa. Igualmente alborcavam as suas armas e ornamentos por sombreiros e carapuços de linho; e esta scena de trafico, que caracteriza as primeiras e as ultimas relações dos europeus com os povos rudes que encontravam, se vê também começar a representar neste novo theatro, cujo palco foi agora pizado por christãos, sendo um degradado portuguez o actor que o estreou. Por esta occasião, segundo diz Pero Vaz, *andavam entre elles tres ou quatro moças bem moças e bem gentis, com cabellos muito pretos, compridos pelas espaldas... que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizera vergonha.* Entre estas bellas que Pero Lopes de Sousa dissera não terem «nenhuma inveja ás da Rua Nova de Lisboa» sobresahia uma de tão extremada formosura que alliciou os olhos de todos, e com especialidade os de

certo joven portuguez, o qual desde este momento, em que pela primeira vez a viu, ficou com a sua presença tão gravada que começou a nutrir em seu peito uma sympathia amorosa, que teve successivos desenvolvimentos.

Entretanto por acenos que fizeram dos bateis, todos estes indigenas se afastaram e deram occasião a que sahisses tres ou quatro homens a encher d'agua os barris que levavam. Já os bateis volviam ás náus quando os da terra deram signal para que tornassem, o que os fez voltar. Chegaram-se trazendo o degradado Affonso Ribeiro com tudo quanto havia levado para fazer o presente. Foi naturalmente um sentimento de gratidão que os conduziu a praticar tal acção — talvez assim o respeitaram em recompensa do bom tratamento dado aos seus dois *concedidos*. —

Um dos capitães ordenou então que o degradado fosse de algum modo fazer a entrega das cousas que levava; este o cumpriu sem demora dando-as ao velho que, como dito é, primeiro o agasalhára quando saltou em terra. Um dos bateis o recolheu então e remaram todos de volta para as náus, a deitarem suas contas ao que se passára, e conjecturas ácerca do que aconteceria.

Quando abordaram estava a tocar a sineta da proa que declarava ser chegada a hora da comida; dirigiram-se ao capitão-mór, o qual os convidou para a sua meza e entreteve muito a conversação com Pero Vaz. Nesse dia provaram agua fresca, que havia um mez que a não viam. De tarde não foi permitido ir gente á terra. E só Pedr'Alvares com os outros capitães e alguma gente da sua náu, tendo-se decidido a escolher um lugar conveniente para se dizer a missa no outro dia, que era domingo, foi, aproveitando a deliciosa e bella tarde, barquejar pela enseada a carão da praia. Chegaram á coroa de areia e cascalhão raras vezes sobreagnada, que está um pouco distante da terra firme, a qual foi unanimemente escolhida; não só para estarem mais resguardados de qualquer desacato que ousassem tentar os indigenas, ainda não bem conhecidos, como a fim de por ventura poderem fazer o acto mais pomposo. Alli se demoraram folgando talvez hora e meia, entretendo-se alguns a pescar: — era bem noite quando voltaram ás náus. Pouco depois tocou ao terço, e no fim deste se transmittiram as ordens para que no outro dia fossem todos á missa com a solemnidade e respeito devido a tal acto.

(Continúa.)

OS TORNEIOS DE BRAGA.

1.º

O FORASTEIRO que na segunda semana do mez de Junho de 1627 entrasse em Braga, e visse alli reunidos tantos nobres cavalleiros d'Entre Douro e Minho, tão luzidos em atavios, librés, e custosas gallas; e visse o alvoroço do povo, o borborinho das turbas; não deixaria de perguntar se por ventura haveria ali casamento de algum principe ou grande senhor. Mas prestes se desenganaria de que outro era o motivo de todo este brilhante apparatus. A Augusta Braga, a primaz das Hespanhas, preparava-se a receber em seus muros o seu novo prelado e senhor, o illustre D. Rodrigo da Cunha, ornamento da igreja e das letras lusitanas, que tendo deixado carregadas de beneficios e de saudades as suas antigas ovelhas de Portalegre e do Porto, era agora elevado a primaz das Hespanhas, e estava ainda destinado para prestar mais valiosos serviços á patria na cadeira archiepiscopal de Lisboa. Os bracharenses,

(*) Vej. sobre os botocudos o que diz o Pan. Num. 52, pag. 129.

empenhados em applaudir a sua boa fortuna na posse de tão digno prelado, determinaram celebrar a sua chegada com sumptuosas festas. Não foi difficil a escolha do genero do espectáculo. — A nobreza de Entre Douro e Minho, fiel depositaria dos usos e costumes de seus maiores, conservava ainda frescas as memorias dos brios e gentilezas da cavallaria dos seculos precedentes; era mui destra nestes exercicios, e sabia guardar pontualmente todas as continencias e primores desta arte. Assim que, touros, cannas, sacabueno, justas, e torneios correram por sua conta. Á parte dos populares couberam, como é d'uso, as folias e cantares, os disfarces e chacotas. Mas onde ha torneios, não ha para que fallar em outra casta de festas; porque é esta festa dos torneios não só lustrosa, mas d'origem mui antiga, e como tal a predilecta dos principes e senhores que se prezavam de cavalleiros. Entre nós alguns houve muito notaveis, e cuja miuda descripção se encarregou a historia de transmittir-nos. Ninguem ignora qual foi a sumptuosidade dos que em Evora fez celebrar elrei D. João 2.^o por occasião do casamento do principe seu filho, dos quaes nos deixou memoria Garcia de Resende. Nem são menos celebres os com que se festejaram defronte dos paços d'Enxobregas os desposorios do principe D. João, filho d'elrei D. João 3.^o Delles escreveu uma relação [que não temos noticia fosse publicada] o estimavel auctor do Palmeirim em Inglaterra, Francisco de Moraes. Os torneios de Braga são talvez os ultimos que entre nós se celebraram conforme ao rigor das leis da cavallaria; e porque fecham nesta parte o circulo da idade média, pareceu-nos dar noticia delles, seguindo as testemunhas de vista (*).

Antes de todo o festejo haviam os vereadores da cidade nomeado por mantenedores, a Antonio de Fraga Botelho, da brida, e a Paulo Vieira Cabral, da gineta: ambos pessoas nobres, mui conhecidos e destros cavalleiros. Isto feito trataram logo os mantenedores, a quem tocava a publicação do cartel, de o fixarem com todo o apparatus possível, não só em Braga, mas nas cidades e villas mais visinhas, para que a fama trouxesse aventureiros a se experimentar com os mantenedores com desejo de ganhar honra e fama. O cartel, que em Braga se fixou, foi passados poucos dias na praça, que fica defronte da porta principal da sé. Para isso se ordenou de noite uma lustrosa encamisada de gente de cavallo com muitas luzes. Adiante hia uma trombeta bastarda, e muitas caixas, e outros instrumentos de guerra: na retaguarda iam os dois mantenedores em formosos cavallos, armados com armas brancas, com varias e curiosas plumagens; e um delles levava no escudo o cartel, o qual deixou pendurado d'um mastro alto, que no sobredito lugar estava já arvorado para este

(*) O que aqui dizemos destes torneios é extrahido da *Relação do recebimento e festas que se fizeram na augusta cidade de Braga, á entrada do illustrissimo e reverendissimo Sr. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo e senhor della, primaz das Hespanhas. Impressa em Braga. Anno de MDCXXVII.* = 1 vol. 4.^o = Esta relação affirma o editor Fructuoso Lourenço de Basto ter sido feita por um curioso, pessoa qualificada em letras, e que fez exactas diligencias para inquirir a verdade. E' livro rarissimo, e do qual não achamos menção nem na Biblioth. Lusit., nem no catalogo dos AA. do Dicion. da Acad., nem ainda no mais extenso catalogo, que a Acad. mandou publicar em 1799. A narração não é puramente gazetal; é cheia de selecta erudição, e por tal arte disposta, que não enfada, antes recreia a sua leitura. O estylo sabe ao purismo de quinhentos, e póde sem escrupulo passar por auctoridade para dar carta de portuguezas ás palavras e ás phrases relativas ao objecto particular de que trata.

intento, e nelle tremulavam as armas do arcebispo. No qual cartel os mantenedores com palavras compostas a seu modo e usança de cavalleiros, depois que significavam a confiança que podiam ter no proprio valor e destreza, que em varias occasiões lhe tinha rendido victorias insignes e illustre fama, desafiavam a todos os cavalleiros de nome, que com elles se quizessem experimentar conforme as leis da gineta e estordiota, correndo duas lanças em o lugar e dias que assignalavam; sustentando neste desafio que só Braga, entre as mais cidades do mundo, era merecedora de ter por seu senhor e prelado ao Ill.^{mo} Sr. D. Rodrigo da Cunha. Por quanto ella mereceu ser dos imperadores romanos chamada *augusta*, titulo que ainda hoje conserva, e com elle o de primogenita dos Celtas, emula de Roma, excidio de Citania; e por ser ennobrecida com muitas victorias e trofeus, que com suas armas alcançou. Possuindo hoje outros dois titulos insignes, que é ser a primeira mitra de Hespanha, e thesoureira de muitas e sagradas reliquias: sendo a prelacia mais antiga, não só de Hespanha, mas por ventura de toda a Europa; e tendo juntamente a gloria de dez arcebispos santos que a governaram; do que nenhuma outra se podia gloriar, se não fosse Roma, de cuja suprema cadeira era sua illustrissima merecedor, o que tambem promettiam sustentar a foro de cavallaria. O que tudo seria julgado pelos juizes, para isso designados; e que o aventureiro apontaria o preço que lhe bem parecesse, com tal condição que vindo disfarçado seria obrigado a entrar no campo com padrinho, que podesse abonar sua qualidade. Dando finalmente no remate do papel noticia em summa das mais festas que se haviam de celebrar. Este cartel foi fixado e publicado em varios logares e villas d'Entre Douro e Minho, para que viesse á noticia de todos. E para este effeito deram os vereadores ordem que aos 11 de Maio fosse levado ao Porto pelo mantenedor da gineta Paulo Vieira Cabral, o qual entrou aquella tarde pela cidade com grande ruído de instrumentos diante de si, em que entrava uma trombeta bastarda, varios tambores de pé, um terno de atabales, outro de trombetas, outro de charamellas, bem concertados todo, e acavallo. E por quanto não é estylo de cavallaria levar o mantenedor, que vai desafiar, consigo mais que o padrinho, que era Jeronymo da Cunha Sottomaior, iam sós os dois no cabo de todo o acompanhamento, armados de luzentes armas bem guarnecidas e gravadas, em formosos ginetes paramentados com jaezes ricos; e elles em si com outras gallas iam tão airosos e guerreiros, que faziam uma formosa vista. Fixaram o cartel, tornando logo a sair da cidade com as mesmas continencias.

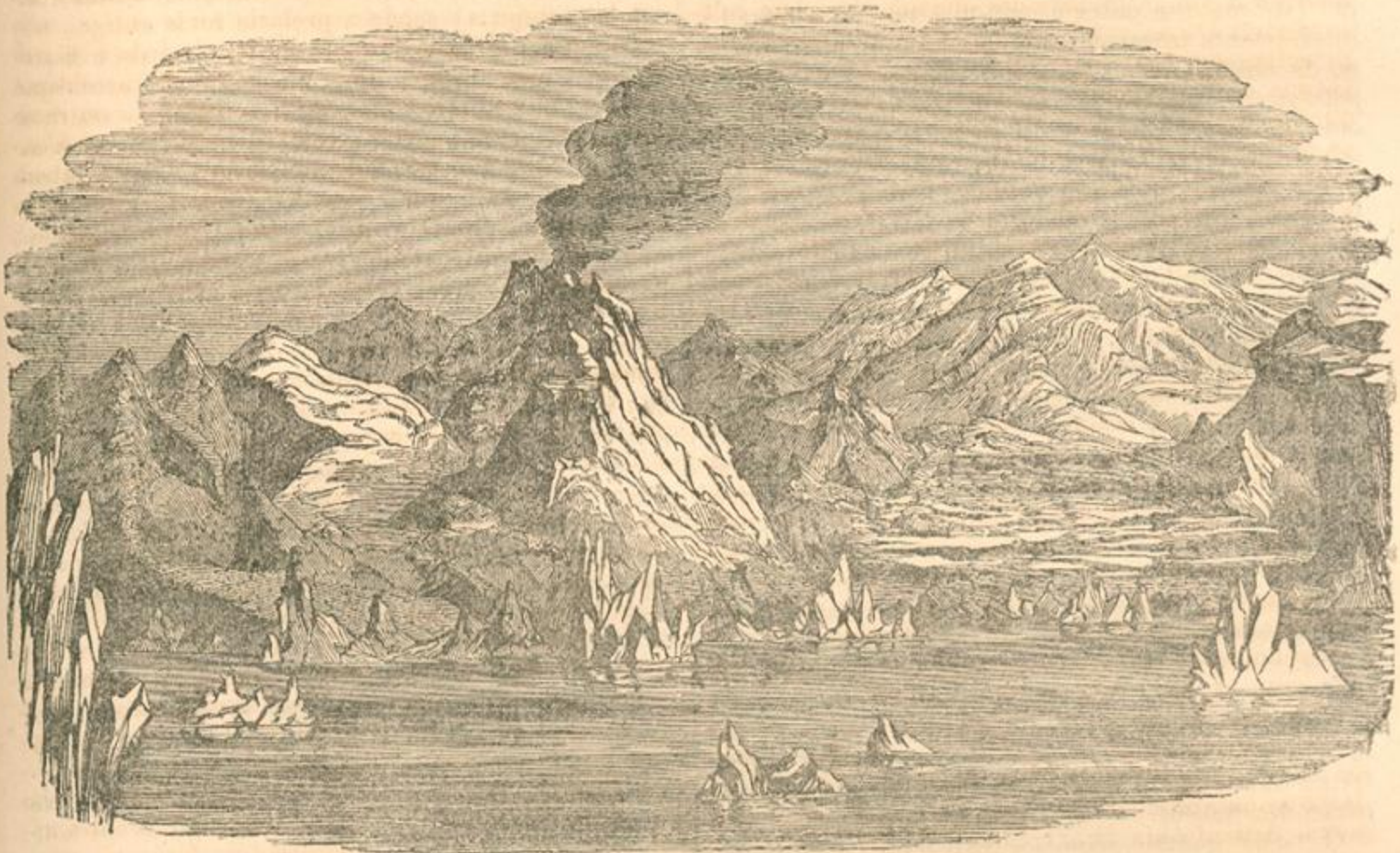
Como acima já dissemos, não é nossa intenção acompanhar ao arcebispo na sua jornada do Porto a Braga, nem assistir ás festas dos primeiros tres dias. Basta que nos achemos aos torneios da noite do domingo 13 de Junho, que não temos pouco que ver.

Fizeram-se elles no terreiro do arcebispo, que fica da banda de cima da sua galeria, que é logar muito a proposito, por ter em quadro sufficiente capacidade, e com boa copia de janellas em roda, das quaes se podia muito á vontade gosar de quanto alli se representasse. No meio deste terreiro se levantou um theatro de altura de 4 palmos, 70 de largo, e 80 de comprido. Em cada canto seu mastro revestido de verdura, os quaes serviam de sustentar artificiosamente grande copia de luzes de cera branca, que por toda a noite estiveram ardendo. Corria a obra deste tabulado ante um chafariz, que no topo deste terreiro está levantado, e hoje serviu de dois officios; do ordinario, alegrando os presentes

com a corrente perennal dos esguichos; e tambem de tocheiro ou alampadario, sustentando muitos lumes: confederando-se aqui os dois elementos, fogo e agua, para maior alegria da festa. Faziam-lhe companhia em roda do theatro para maior magnificencia seis tocheiros grandes de prata, que sustentavam grossos brandões de cera branca. E o que fazia tudo mais lustroso era que todo este terreiro pelo alto, junto ás beiras, estava povoado de grande cópia de lumes, que como coroa o rodeavam, e não só mostravam uma formosa vista, mas faziam que a noite nenhuma inveja tivesse ao dia. Para a banda direita, junto á entrada do theatro, ficava levantada uma hastaria, em a qual se encostavam as lanças, com que o mantenedor e mais aventureiros entravam. Para a parte do chafariz se pozeram tres cadeiras de velludo franjado, sobre alcatifas de seda, para assento do mantenedor e padrinhos, em lugar

de tenda, da qual se não usou por não tomar a vista das janellas. Logo para a direita do mantenedor se levantou um formoso aparador, cheio de muitas peças de seda, que eram os preços que se haviam de julgar; e junto do aparador ficava o lugar destinado para os juizes, os quaes estavam assentados em cadeiras de velludo franjadas; e eram Fernão da Silva e D. Gabriel de Quiroga, ambos fidalgos da casa de sua magestade: ficando junto á hastaria lugar para os aventureiros, ricamente guarnecido e alcatifado. Corria pelo meio do theatro uma balha de 30 palmos de comprido e 5 de alfo, para divisão dos combatentes, toda lavrada ao pincel de vistosas pinturas. E como a assistencia havia de ser alli por muito tempo, não faltavam muitas e diversas castas de doces, que com franqueza se davam a todos, para que com elles se podessem aproveitar da agua, que perto corria.

J. H. da C. R.



O MONTE HECLA.

DÉMOS uma noticia do terreno da Islandia e dos islandezes a pag. 116 do 3.^o volume: e entre as singularidades naturaes deste paiz, descrevemos a caverna de Surtshellir a pag. 132 do mesmo vol., e os geysers, ou repuchos d'agua quente a pag. 293 do 2.^o Diremos agora alguma cousa ácerca do Hecla, por occasião da nossa estampa, que não só representa este volcão, porem mais ao longe as *Yokuls*, ou serranias de neve, cubertas de gelos perpetuos, e separadas por lagos, algumas das quaes são tambem ignívomas.

Jaz o monte Hecla na parte meridional da Islandia, obra de 30 milhas inglezas da costa: não é a mais alta nem a mais picturesca das montanhas, mas erupções tremendas a fizeram celebre. Ha memoria de vinte e tres destas desde 1004 para cá: e todavia esta conta não é completa. Ha mais de 67 annos que o volcão está quieto, como o esteve por mais de 70 antes da ultima erupção, que aconteceu em 1772. O cimo reparte-se em tres pincaros, forrados de neve, e nos lados destes abrem-se as vastas crate-

ras. O solo compõe-se pela maior parte d'areias e escorias, e a lava tem feito á roda do monte uma muralha vitrificada e desigual. O pincaro do meio é o mais elevado, e quando Mackenzie o visitou em 1810 lançava vapores aquosos: na assomada era o calor tão intenso que o thermometro, posto entre as escorias, marcava 144^o. Os habitantes dos arredores do Hecla trabalham por dissuadir os viajantes de subirem ás crateras, affirmando que são as bocas do inferno, e que os diabos andam de continuo azafamados a carregar para ellas as almas dos que morrem nos combates: contam mais que a montanha é guardada por certos passaros negros, de exquisita figura, armados de bicos de ferro, com que recebem asperamente os que ousam devassar-lhes o territorio.

O espaço contiguo ao Hecla, por mais de duas leguas em redondo é cuberto de escorias, pedra-pomes, e cinzas: foi antigamente habitado quasi até ás faldas da montanha, e dizem que fôra fertil, mas as successivas torrentes de lava o assolaram. Na ultima erupção o vento arrebatou as cinzas, que foram cair

como chuva nas ilhas de Feroe distantes 300 milhas.

ELVAS.

4.º

Forte de N. S.^a da Graça.

O forte de N. S.^a da Graça está construído, como já dissemos, no cume do monte da mesma denominação, o mais elevado que ha naquelles sitios, ficando ao NE. da praça, e ainda ao alcance da sua artilheria. Quando em 1658 os hespanhoes sitiaram Elvas, estabeleceram-se nesta altura, depois de haverem desalojado um piquete nosso d'infanteria que a occupava, e ao qual foi impossivel poder-se alli sustentar, por falta de fortificações que o protegessem.

Sempre que as praças de deposito são pequenas, remedeia-se este defeito essencial circumdando-as de um recinto exterior, formado de fortes separados: por este meio se obsta a que ellas possam ser facil e inteiramente investidas, abrigando-as ao mesmo tempo de serem bombeadas e incendiadas. Estes fortes, pela sua protecção, permitem que os exercitos possam tomar differentes posições, todas vantajosas: são, por assim dizer, outros tantos campos entrincheirados, e sabe-se que é esta uma das mais preciosas propriedades que podem offerecer as fortalezas.

O forte da Graça vem a ser, a todos os respeitos, de indispensavel necessidade para Elvas. O seu polygono differe pouco de um quadrado d'umas 71 braças de lado exterior. Tem no centro um reducto circular, com tres ordens de baterias casamatadas de bellissima execução, servindo estas casasmatas não só para tomarem parte activa na defesa, varrendo, com o fogo das peças de grosso calibre que nellas se acham assentadas, todos os terraplenos do forte; mas tambem para armazens, e para alojamento do governador e dos principaes officiaes da guarnição. Por baixo das casasmatas de que acabamos de fallar, se construiu uma magnifica cisterna, que contem agua sufficiente para as precisões da tropa da mesma guarnição.

Tres das frentes do forte são completamente casamatadas, e fornecem, como o reducto central, armazens e alojamentos para as tropas; mas a quarta frente tem sómente estabelecimentos deste genero debaixo dos flancos.

Os seus quatro pequenos baluartes, começando por aquelle que fica voltado para o NE., e continuando para a direita, denominam-se da *Maléfa*, de *Badajoz*, da *Cidade*, e de *St.^o Amaro*: na cortina que prende estes dois ultimos existe a porta principal do forte; e oito portas falsas, distribuidas igual e symmetricamente pelas quatro frentes, facultam a communicação do interior do recinto magistral para o fosso e para as obras exteriores.

As casasmatas dos flancos formam differentes andares, que offerecem fogos em amphitheatro, formidaveis pela difficuldade de os contrabater.

Ao NNO. do monte de N. S.^a da Graça se fórma e prolonga uma *alta-chaõ* de 106 braças de comprimento, sobre 53 de largura: é este o unico lado em que o inimigo poderia estabelecer-se para formar um ataque em regra, e por isso se tem com rasão multiplicado os meios de defesa na frente que lhe corresponde, havendo-se-lhe ajuntado uma obra cornea com cortaduras no seu terraplano, tudo bem casamatado e contraminado; de sorte que o forte offerece sete recintos successivos a tomar, o que, exigindo muitos combates parciaes, deve occasionar longa resistencia. As outras frentes do forte tem só-

mente revelim e estrada coberta, cobrindo esta ultima perfeitamente as escarpas das obras, por haver sido construída segundo as regras do desenfiamto.

Tres dos revelins são casamatados, e quasi toda a estrada coberta é guarnecida interiormente de uma galeria de contra-escarpa.

O aspero declive das suas esplanadas, a grande altura da muralha de revestimento da sua escarpa, e as suas galerias séteiradas de escarpa e de contra-escarpa, concorrem efficazmente para preservar o forte de qualquer ataque imprevisto; e a construcção particular das suas ditas esplanadas, formadas pela maior parte de grandes pedras, cobertas com uma simples camada de terra vegetal, assim como a estreiteza da sua estrada coberta, e das outras obras exteriores, tornam de summa difficuldade o ataque em regra contra o recinto magistral do forte. Ajuntando a isto as disposições que estão feitas para o defender por meio das minas, formar-se-ha adequada idéa da grande resistencia de que é susceptível esta fortaleza.

Pela importancia do forte da Graça, pela disposição das suas obras, e pelas 80 bocas de fogo de que deve constar o seu ornamento de sitio, a sua boa defesa exige uma guarnição de 1000 a 1200 homens d'infanteria, 200 artilheiros, e 100 mineiros, prefazendo ao todo 1300 a 1500 homens.

O forte da Graça deve ser considerado como um modelo de construcção: foi projectado pelo illustre marechal general conde de Lipe, que reorganizou e commandou o nosso exercito na guerra de 1762, e a sua construcção, confiada primeiramente a *Mr. Etienne*, official engenheiro, bem conhecido pelo seu *Tratado das Minas Militares*, foi continuada pelo distincto general *Valleré*, que fez varias modificações e addições ao primitivo projecto. Segundo consta do *Elogio Historico* deste general, composto por sua filha, a *S.^a D. Maria Luiza de Valleré*, custou 767:199:0039 réis, sendo começado em Julho de 1763, e concluído no anno de 1792.

Forte de St.^a Luzia.

A 240 braças de distancia, ao S. do recinto magistral d'Elvas se acha o forte de *St.^a Luzia*, edificado sobre um pequeno outeiro, que dominava parte da praça. O polygono da fortificação deste forte é proximamente um quadrado de 78 braças de lado exterior, pouco mais ou menos fortificado segundo o primeiro systema de Vauban, tendo revelins nas suas frentes voltadas para E. e para o S., tudo cercado de estrada coberta e de esplanada, que em parte é cortada, terminada por muros de alvenaria, e guarnecida exteriormente de tres linhas de fossos, muitos delles abertos em pedreira.

No centro do forte ha um reducto quadrangular, circumdado de um caminho de rondas ao longo do pé da escarpa exterior do parapeito, o qual reducto communica com o recinto magistral, do lado do N., por um passadigo ou pequena ponte dormente, que póde ser facilmente demolida, e substituída em occasião de sitio por ponte levadiça. Neste reducto se acha a igreja, e por baixo della uma casa abobadada á prova, que póde servir de armazem para munições de guerra.

Algumas cazernas, tambem á prova de bomba, estabelecidas debaixo dos terraplenos do forte, e outros quartéis e payoes, podem dar abrigo a parte da guarnição, e ás munições de guerra e de boca: o alojamento para o resto da guarnição póde fazer-se debaixo de blindagens, encostadas á muralha de revestimento do reducto central.

A porta principal do forte está situada no meio da cortina da frente de fortificação que olha para Elvas: na cortina opposta ha uma porta falsa.

Duas cisternas existentes no reducto contem, estando cheias, 2:959 almudes de agua, os quaes chegam para 300 a 400 homens, durante 2 a 3 mezes, a rasão de uma canada por dia a cada homem; mas como a meia distancia entre a praça e o forte ha a *Fonte-nova*, donde os defensores do mesmo forte se podem prover de agua durante a maior parte do tempo do cerco, vem por conseguinte a servir-lhe as cisternas como de reserva para os ultimos dias do ataque.

Um caminho em linha recta, guarnecido de parapetto e banquetta de ambos os lados, permite a comunicação, a coberto dos tiros directos do inimigo, entre a praça e o forte.

A cortina e os parapettos das duas faces e dos dois flancos da frente de fortificação que fica voltada para a praça, são simples muros de alvenaria, para que possam ser facilmente demolidos pelos tiros feitos da mesma praça, logo que o inimigo consiga apoderar-se do forte; o que obviará a que se cubra com esses parapettos e cortina para hostilizar Elvas.

O reducto central domina do seu cume todos os terraplenos do forte, tornando nelles impossivel o estabelecimento do inimigo, enquanto aquelle não for tomado, ou destruidos os seus parapettos.

A denominação dos 4 baluartes do forte, começando pelo que fica voltado para o NE., e continuando para a direita, são: de *S.^{to} Antonio*, de *S.^{ta} Isabel*, de *S. Pedro*, e da *Conceição*.

Nas fortificações do forte existem algumas disposições permanentes, para se ajuntar aos outros meios de defesa a poderosa cooperação das minas. O seu ornamento de sitio deve andar por umas 20 a 25 bocas de fogo, e a sua guarnição, no mesmo tempo, por 350 a 400 homens, incluindo neste numero 60 artilheiros, e 50 mineiros e sapadores. Pela proximidade em que o forte se acha da praça, a dita guarnição pôde ser rendida diariamente pela guarnição d'Elvas, o que tornará a sua defeza mais energica e duradoura.

Segundo o testemunho de D. Luiz de Menezes, conde da Ericcira, no *Portugal Restaurado*, o outeiro de St.^a Luzia estava destituido de fortificações quando, no anno de 1641, o illustre Mathias d'Albuquerque, director geral das fortificações do Alentejo, mandou alli construir uma meia lua ou revelim, ao mesmo tempo que se erigião outras tres para cobrirem as tres portas que dão entrada para Elvas. Parece que alguns annos depois a importancia de occupar mais solidamente aquelle outeiro fez mudar o plano das fortificações, construindo-se nelle o forte que acabamos de descrever, com a sua competente comunicação para a praça; sendo certo, que no anno de 1658 já os seus quatro baluartes estavam concluidos.

IDADES DOS ESTADOS PORTUGUEZES NA INDIA ATÉ O AUGÉ DA SUA GRANDEZA.

O ESTADO ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios; pondo em admiração o mundo com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios, e immensas riquezas: no presente, ou seja por culpas, ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se pôde du-

vidar se foi aquelle estado mais pequeno no principio do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi, e é agora o estado da India, deve considera-lo nas quatro idades do homem, pueril, juvenil, varonil, e de velhice: consideração de que já se valeu Lucio Floro, para com propriedade escrever o principio, progressos e fim de seu imperio romano, cuja puericia quer fosse, em todo o tempo que Roma teve reis, por espaço de duzentos e cincoenta annos. A adolescencia ou segunda idade durou duzentos annos, que Roma foi governada por consules. A terceira desde os consules até Augusto Cesar, em que se contam duzentos e cincoenta annos. De Cesar Augusto até o imperio de Trajano vão perto de duzentos; e tantos teve de velho aquelle imperio.

Todas estas quatro idades acharemos com a mesma propriedade no estado da India; ao qual se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira idade no feliz reinado d'elrei D. Manuel; porque no segundo anno de seu governo nasceu para nós a India, sendo descuberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a da Ethiopia, Arabia e Persia, com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios: sómente brincar não soube; porque em todas as guerras que naquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar: seus jogos eram tirar reis e pôr reis, depondo os inconfidentes, e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas náus por que a fortuna tinha trocado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua. Com estar naquelle tempo o estado na primeira puericia não deu umá só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios que matou: seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle estado só no nome e na idade foi menino. E descendo ao particular, em tempo d'elrei D. Manuel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas d'Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Couloão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Cranganor e Sofala; e tributarios a elrei de Portugal os reis de Ormuz, de Tidore, de Ceilão, das Maldivas, de Couloão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e comunicação com-nosco. Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que, vencidos pelos portuguezes, fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João 3.^o, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras, que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coroman-

del a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão, com muitas villas e aldeas por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malabar, e a de Macáu na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur, rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao hidalção, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore, e Bachão; fóra outros muitos, que por menos conhecidos deixo de nomea-los. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor do nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia naquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então puzeram toda a sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes; como o hidalção, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Viantana, o de Adem, o de Cachem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim. Iguaes progressos se faziam na conversão das almas, que nas armas: receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimilano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tanor, e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda idade do estado da India, e por isso lhes podemos chamar adolescencia.

Chegou a idade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou nella desde o anno de 1561 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique, e D. Philippe. Já neste tempo o estado attendia mais a se conservar, que a conquistar: comtudo fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor, e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes de Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente, e defendeu-se o estado no sitio geral, que a todo o estado puzeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O hidalção desceu sobre Goa, o isamaluco sobre Chaul, o çamorim sobre Chale, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor da nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de prevalecerem contra um estado, que ao mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa: nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o estado: o de Ampaza foi castigado com assolação de sua corte e reino: tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, aceitando outros por vassallos desta coroa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassallagem a elrei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de pais e avós. Nesta idade do estado da India acham os antigos que foi a sua flor dos annos;

porque opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o estado de todos os bens, que traz consigo a paz. Andavam os mares cubertos de navios, que a toda a parte navegavam com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros, como d'antes; porque já lhe tinhamos tomado os passos de sua navegação, assim com fortalezas em terra, como principalmente com as armadas no mar das Maldivas, de Mecca e da Arabia. Pagavam os reis tributarios suas pareas, procuravam todos ser amigos do estado: os portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares de valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata: da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Malucas o cravo; da Sunda a maça e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubins; de Ceylão a canela; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem o bejoim; de Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elephantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu páu; de Borneo a canfora; de Maduré o salitre; de Cambaya o anil, o lacre, e roupas de contrato; as beutilhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala; marfim, ebano, e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu, e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das náus que por alli passavam. E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do estado. Os seus vice-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.

*

As philosophicas considerações que o leitor acaba de ler são textualmente as expressões do jesuita Manuel Godinho.

CONSIDERAÇÃO DA CIRURGIA ANTIGA E MODERNA.

Como mui bem o provou o Dr. Antonio de Almeida os medicos ou os *physicos* foram sempre estimados até nas côrtes dos reis de Portugal. Não assim os cirurgiões, e não ha muito que estes não entravam em sociedades mais elevadas, e eram tidos quasi na cathogoria dos barbeiros, cujo officio elles tambem exercitavam. Ainda em 1763 diz o regulamento do conde de Lippe no §. 4 do cap. 17: «Os capitães devem contentar-se do cirurgião que segue a sua companhia, *se fizer a barba aos soldados* todas as vezes que for preciso» &c. — Honra á civilisação, que tem levado esta profissão ao logar que lhe compete na sociedade, e procura acabar as distincções empiricas de pathologia externa e interna, e concentrar quanto pode a humana arte de curar.

Os nossos antigos em tudo queriam estrondos e faganhas extraordinarias: cada bote de lança havia de derribar uma muralha, e cada golpe de espada partir um monte. Por isso nas batalhas com os mouros morriam aos tresentos e aos quatrocentos mil; favor é dos chronistas deixarem alguns com vida para levarem as novas do estrago. A cada passo mudavam os rios de côr, porque em logar de agua os faziam correr de sangue, e com estas narrações alegravam e satisfaziam ao povo. — *Barbosa. Catal. das Rain.*

O que sendo jumento se reputa gamo quando quizer saltar conhecerá a differença.